
Plantas medicinais da Estrada Real

Maria G. L. Brandão^{1,2}, Naiara N.S. Zanetti¹, Gabriela R. Oliveira¹, Andressa K. S. Silva³, Lorena O. Goulart¹, Mariana A. Oliveira¹, Cristiane F.F. Graef³, Aparecida C.P. Santos⁴, Maria F. Saliminha⁵, Daniel S. Pimenta⁵, Maria C.T.B. Messias⁶

Resumo

O objetivo deste estudo foi verificar quais plantas medicinais nativas foram descritas por naturalistas Europeus que percorreram Minas Gerais, mais especificamente a Estrada Real, século XIX. Informações sobre as plantas foram extraídas dos diários de viagens dos naturalistas e enquanto o uso atual das plantas foi verificado por meio de entrevistas com alguns usuários. Um total de duzentas espécies de plantas nativas foi descrita pelos naturalistas em Minas Gerais sendo trinta, na Estrada Real. Muitas não são mais conhecidas hoje ou são usadas para fins diferentes aos do passado. Esforços são necessários para proteger essas plantas nativas e o conhecimento tradicional associado.

Palavras-chave: plantas medicinais nativas, Estrada Real, naturalistas.

Abstract

The aim of this study was to verify the Brazilian medicinal plants were described by European naturalists in their travels books in 19th century, and which still in use in Royal Road. Information about the plants was obtained from bibliographic material and their current use was verified by interviews with healers. A total of two-hundreds native plant species were described by the naturalists in Minas Gerais and thirty in Royal Road. Several species mentioned by them are not more known in Royal Road and other are used for other indications as they were in the past. Efforts are necessary in order to protect the native medicinal species as well as their associated traditional knowledge.

Key-words: native medicinal plants, Royal Road, naturalists.

¹ DATAPLANT, Banco de Dados e Amostras de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas, Museu de História Natural e Jardim Botânico;

² Faculdade de Farmácia, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG);

³ Depto. de Farmácia, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM);

⁴ Depto. de Ciências Naturais, Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ);

⁵ Depto de Botânica, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF);

⁶ Depto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Introdução

Estima-se que existam aproximadamente 250 mil espécies vegetais no mundo e que apenas 10% destas tenham sido avaliadas quanto ao seu potencial farmacológico (SUMMER, 2000). Isto faz com que a flora medicinal brasileira represente uma das mais ricas fontes de novos medicamentos, pois o país é o detentor da maior biodiversidade vegetal do planeta. A miscigenação das culturas enriqueceu a prática de uso das plantas medicinais no Brasil. Levou com que a maior parte das espécies usadas hoje como as hortelãs (*Mentha sp.*), babosa (*Aloe vera*) ou capim santo (*Cym opogon citratus*), sejam exóticas, introduzidas aqui desde os primeiros tempos da colonização (BRANDÃO et al., 2004). Por outro lado, as plantas nativas que são usadas há séculos, herança da cultura Ameríndia, são muito pouco conhecidas e usadas atualmente. A despeito dos avanços tecnológicos observados nesta área, raros são os exemplos de produtos registrados no Brasil preparados com elas. Outras espécies encontram-se ameaçadas de extinção devido à destruição dos ecossistemas ou da sua coleta predatória, especialmente em áreas de intenso impacto antrópico, como a Amazônia (BRANDÃO & MONTEMOR, 2008; SHANLEY & ROSA, 2005). Esses fatos revelam o quanto as plantas medicinais nativas do Brasil não vem sendo adequadamente aproveitadas pelos próprios brasileiros, ao longo do tempo.

Desde a década de 70, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece as plantas medicinais, como recurso terapêutico. Em 2002, a OMS instituiu um programa de apoio às práticas da medicina não convencional (TCM = traditional and complementary medicine) e editou um documento onde estimula pesquisas de validação com as plantas medicinais usadas há séculos (OMS, 2002). Validar uma planta significa avaliar suas ações farmacológicas e verificar a ausência de toxicidade. Isto é importante porque, para a aceitação total dos medicamentos preparados com

plantas (fitoterápicos), nos sistemas de saúde pública é necessário que os mesmos preencham os requisitos mínimos necessários de eficácia, segurança e controle de qualidade exigidos para os produtos sintéticos. O Programa da OMS incentiva a validação de preparações utilizadas na medicina tradicional chinesa, indiana, arábica e aquelas utilizadas pelos índios americanos. Dentro desse contexto, levantar informações sobre as plantas medicinais nativas do Brasil, especialmente aquelas de origem Ameríndia e direcioná-las para estudos farmacológicos adequados torna-se de grande relevância. Recuperar informações sobre o uso de plantas medicinais nativas pela população do entorno da Estrada Real no século XIX foi o objetivo de um amplo projeto de pesquisas, cujos resultados são aqui apresentados.

Levantamentos bibliográficos e de campo

Muitas informações sobre o uso tradicional de plantas medicinais nativas do Brasil, inclusive as Ameríndias, encontram-se registradas em bibliografia do século XIX. Com a chegada da Família Real há 200 anos e a abertura dos portos, muitos estrangeiros artistas, aventureiros e naturalistas percorreram extensas regiões do país, e descreveram observações minuciosas sobre os costumes dos brasileiros. Eles visitaram, em especial, a província de Minas Gerais, percorrendo a principal via de acesso na época, a Estrada Real (ER). Em seus trajetos, esses viajantes descreveram a história de Minas Gerais, seu povoamento, a expansão das áreas agrícolas, bem como a destruição das florestas, a diversificação da economia, entre outros aspectos. A contribuição desses naturalistas para o conhecimento da flora brasileira é incalculável: centenas de novas espécies foram descobertas e descritas.

Para a execução do projeto, os diários de viagem de dezesseis naturalistas foram cuidadosamente estudados, dos quais foram extraídos dados sobre as plantas medicinais usadas pela

população de Minas Gerais no século XIX, especialmente no entorno da ER Os cadernos de campo do botânico francês Auguste Saint-Hilaire, até então inéditos, também foram consultados em busca de informações sobre o uso das plantas. Além de Saint-Hilaire, merecem destaque os alemães K. von Martius e G. Langsdorff e o inglês Richard Burton, pela descrição do uso das plantas medicinais (BRANDÃO et al., 2008).

Saint-Hilaire esteve no Brasil entre 1816 e 1822 e percorreu Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Goiás, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Suas viagens estão relatadas em farta bibliografia, onde são descritas suas impressões colhidas em seis anos percorrendo essas regiões (SAINT-HILAIRE, 1975 a,b,c,d). Seu herbário, contendo plantas coletadas durante as viagens, chegou a ter sete mil espécies. Muitos gêneros botânicos novos foram descritos por Saint-Hilaire e estima-se em quatro mil e quinhentas novas espécies coletadas. Todo o acervo coletado por ele encontra-se hoje depositado no Museu Nacional de História Natural em Paris. Sobre o uso de plantas medicinais, pelos brasileiros, escreveu uma obra específica: *Plantes Usuelles des Brésiliennes* (SAINT-HILAIRE, 1824). O botânico K. Martius esteve no Brasil, ao lado do zoólogo Spix, entre 1817 e 1820. Eles percorreram todo o sudeste, nordeste e parte da Região Amazônica (SPIX & MARTIUS, 1981). As coletas resultaram na obra *Flora Brasiliensis*, considerada base de toda a botânica sistemática brasileira. A obra exigiu para seu término 66 anos e a colaboração de vários botânicos, de diversos países. A *Flora Brasiliensis* descreve vinte mil espécies de plantas nativas do Brasil das quais, na ocasião, seis mil eram desconhecidas⁷. Outro importante naturalista que descreveu o uso de plantas medicinais na época foi George H. von Langsdorff. Ele exercia funções consulares e diplomáticas no Rio de Janeiro, a serviço do governo russo. Percorreu as Províncias de Minas Gerais, Mato Grosso e Pará

(SILVA, 1997). Langsdorff era médico e suas expedições foram integradas pelo ilustrador Rugendas e pelo botânico Riedel, que ficou encarregado da coleta e registro das espécies medicinais. R. Burton era inglês e viajou pelo Brasil entre 1866 e 1867, seguindo pela ER do Rio de Janeiro a Sabará, de onde percorreu de barco até a foz do Rio São Francisco (BURTON, 1976; BURTON, 1977). Burton era um viajante experiente, que já havia percorrido vastas extensões de terra na Ásia e na África. Ele foi o descobridor da nascente do Rio Nilo. Outros naturalistas que descreveram dados sobre plantas foram os ingleses G. Gardner (GARDNER, 1975), J. Mawe (MAWE, 1978) e C. Bunburry (BUNBURRY, 1981) e o austríaco Pohl (POHL, 1976).

O uso atual das plantas citadas pelos naturalistas foi avaliado por meio de um intenso trabalho de campo, junto a informantes-chaves, moradores de municípios da ER, especialmente do entorno das Unidades de Conservação (FIG. 1). Os entrevistados foram indicados pela própria população local como conhecedores e usuários das plantas medicinais nativas. A correspondência entre as espécies usadas no passado e atualmente vem sendo feita pela consulta às coleções originais de Saint-Hilaire e Pohl, depositadas no Museu de História Natural de Paris e Museu de História Natural de Viena. A ocorrência das plantas em Minas Gerais está sendo verificada por meio de informações levantadas nos herbários das cinco Instituições Federais de Ensino Superior, localizadas ao longo da Estrada Real: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), além da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). As espécies foram classificadas pelo sistema Angiosperm Phylogeny Group II (APG II 2003). Os nomes científicos foram atualizados pelo W3 tropicos do mobot.

⁷ Cf. www.florabrasiliensis.cria.org.br.

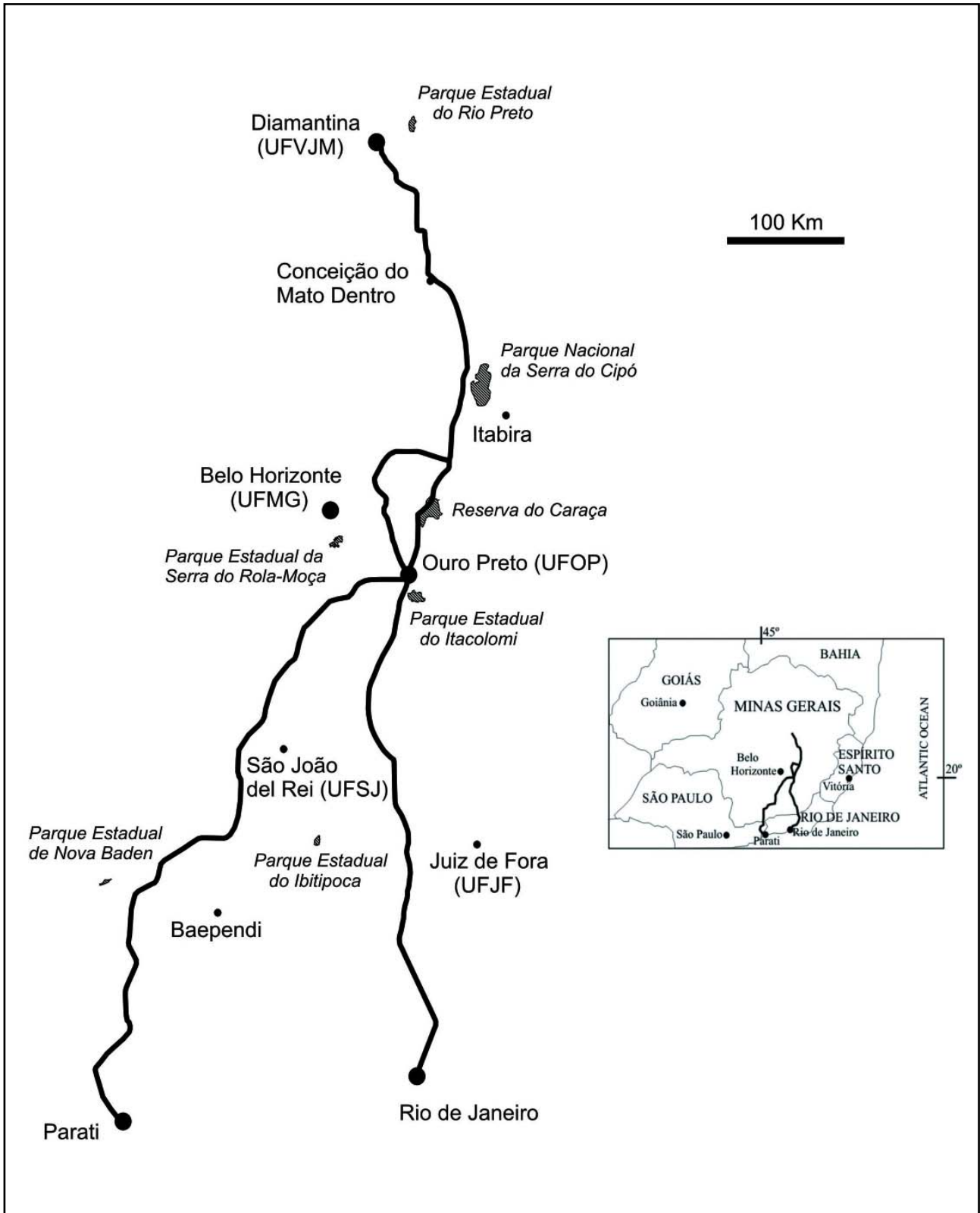


FIGURA 1 – Mapa da Estrada Real com as localidades visitadas no trabalho de campo.

Plantas medicinais da Estrada Real

A pesquisa bibliográfica permitiu recuperar informações sobre cerca de 200 espécies de plantas medicinais usadas pela população de Minas Gerais no século XIX. Este elevado número revela a vasta utilização das plantas medicinais nativas pela população mineira na época, quando ainda havia um vínculo entre a cultura indígena e os habitantes das áreas rurais. Segundo alguns naturalistas, o “saber” medicinal dos indígenas era o único aspecto de sua cultura que os brancos da cidade não desdenhavam. Sem dúvida, um dos seus maiores interesses era aprender com a população brasileira as potencialidades medicinais das plantas. Algumas espécies foram consideradas muito importantes por Martius e Saint-Hilaire, e foram incluídas em suas obras específicas sobre o uso de plantas medicinais (MARTIUS, 1834; SAINT-HILAIRE, 1824). Dados e imagens de dez espécies coletadas no século XIX, além de imagens atuais de cada uma, estão descritos na tabela 1. Informações completas sobre cada planta podem ser obtidas no DATAPLAMT (Banco de Dados e Amostras de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas), do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG⁸.

É interessante observar que já era consenso entre os naturalistas, que as virtudes medicinais das plantas propaladas pelos brasileiros eram “exageradas” e eles alertavam que era necessário que “botânicos instruídos” verificassem sua eficácia medicinal dos remédios, como assinala Saint-Hilaire:

Seja como for, sente-se que a matéria médica dos brasileiros, baseada unicamente no empirismo, deve ser muito imperfeita. Todavia entre tantas plantas às quais se atribuem falsamente propriedades maravilhosas, algumas existem que realmente fornecem remédios eficacíssimos. Se existisse no Brasil maior número de ho-

mens instruídos, o governo desse país faria obra de grande utilidade, nomeando em cada província uma comissão que se encarregasse de submeter a exame minucioso todas as plantas de que se utilizam os colonos para aliviar seus males. Por esse meio, poder-se-ia chegar a constituir, para os vegetais, uma matéria médica brasileira, que elucidaria os colonos a respeito de remédios ineficazes ou perigosos, e, ao mesmo tempo, daria a conhecer aos nacionais e estrangeiros grande número de plantas benéficas. Trabalho de tal envergadura não se poderá fazer, sem dúvida, senão daqui a longos anos. Possa ao esperar a que vier, a obra que publiquei sobre as Plantas Usuais do Brasil tomar o lugar, tanto quanto possível, de uma matéria médica mais aprofundada, e provar aos brasileiros o desejo que tenho de lhes demonstrar meu profundo reconhecimento mediante um trabalho que lhes seja útil! (SAINT HILAIRE, 1975)⁹

Avaliar o potencial das plantas medicinais, por meio de estudos farmacológicos, é um grande desafio enfrentado no Brasil hoje, e precisa ser realizado pois, é a única forma de se transformar as plantas em produtos de uso em saúde pública. Uma exceção é representada pelas cascas do barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* Mart Coville), muito usadas até hoje para o tratamento de feridas e úlceras estomacais. Estudos farmacológicos confirmaram o uso tradicional da planta e a ação é devida à presença de elevado teor de taninos, que têm propriedades adstringentes (AUDI et al., 1999; MACHADO et al., 2002; ISHIDA et al., 2006). O fato de contar com estudos conclusivos levou à inclusão da planta na mais recente edição da Farmacopéia Brasileira, mostrando sua importância também, na medicina oficial (BRANDÃO et al., 2006; 2008b). Outras ações de plantas citadas pelos naturalistas e que tiveram seus efeitos confirmados por recentes estudos são as ações

⁸ Cf. www.dataplant.org.br

⁹ SAINT-HILARIE, Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. 1975.

cicatrizantes, de *Schinus terebinthifolius* (AOKI et al., 2006; LUCENA et al., 2006) e *Copaifera langsdorffii* (PAIVA, et al., 2002), e de hepatoprotetora de *Cassia occidentalis* em feridas (JAFRI et al., 1999). No entanto, apesar do elevado potencial farmacológico, confirmado pelo uso antigo e atual, a maior parte das espécies de plantas medicinais nativas não foram avaliadas até hoje, evidenciando um enorme potencial a ser explorado (BRANDÃO et al., 2008).

Preservar a flora nativa é outro desafio enfrentado no Brasil nas últimas décadas (RENNÓ, 1969; 1970) e a necessidade de preservação das plantas úteis já havia sido descrita por vários naturalistas. A forma destrutiva com que o mineiro tratava a vegetação nativa foi descrito por Saint-Hilaire:

Desse modo, os agricultores terminam na Província de Minas o que começaram os homens que iam à cata do ouro, a funesta destruição das matas. A falta de lenha já se faz sentir em algumas vilas que foram provavelmente const ruídas no seio de florestas, e as minas de ferro, de riquíssimo teor em metal, não podem ser exploradas por falta de combustível. Diariamente árvores preciosas caem sem utilidade sob o machado do lavrador imprevidente. É impossível que, no meio de tantos e repetidos incêndios, não tenha desaparecido uma série de espécies úteis às artes e à medicina e, dentro de alguns anos, a Flora que neste momento acabo de publicar, não será mais, para certas regiões, senão um monumento histórico. (SAINT HILARIE, 1975)¹⁰

O intenso processo de desmatamento sofrido pela região da Estrada Real, nas últimas décadas, levou ao desaparecimento de várias espécies de plantas, o que pode ser observado pelos resultados do trabalho de campo: dentre os 152 homens e 54 mulheres entrevistados, com média de idade em torno dos 70 anos (informantes-chaves), poucos são aqueles que usam algumas das plantas como a cainca (*Chiococca brachiata*), a salsaparilha (*Smilax sp*) e a ipecacuanha (*Psychotria ipecacuanha*). Estudos conduzidos com esta última espécie demonstraram todo o processo de erosão genética e cultural sofrido por esta planta, que é inclusive considerada “em perigo” pelo IBAMA (OLIVEIRA & MARTINS, 2002). Outras plantas, apesar de conhecidas, são usadas para fins diferentes daqueles descritos no passado. Esta situação revela que as informações tradicionais sobre as plantas medicinais nativas não estão sendo repassadas para as gerações seguintes.

Conclusão

Os resultados do trabalho mostram que muitas plantas medicinais contam com histórico de uso há centenas de anos e são pouco conhecidas e aproveitadas hoje. Além de recuperar e difundir o conhecimento tradicional sobre as plantas nativas do Brasil, é necessário promover um melhor direcionamento de pesquisas que visem avaliar o potencial farmacológico das plantas nativas, especialmente, aquelas de origem ameríndia, e promover a sua conservação.

¹⁰ SAINT- HILARIE, Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. 1975.

TABELA 1

Plantas medicinais citadas nas obras dos naturalistas no século XIX e usadas atualmente no entorno da Estrada Real

Nome popular	Espécie/ Família	Partes	Citações pelos Naturalistas
ABÚTUA (FIG. 2a e 2b)	<i>Cocculus platiphyllus</i> A. St.-Hil./ MENISPERMACEAE	Raízes	"As plantas da província de Minas Gerais, que tenho de mencionar ou pelas suas propriedades terapêuticas comprovadas, ou ainda a comprovar, ou por outras qualidades úteis, são as seguintes: ... bútua (<i>Cocculus cinerascens</i> e <i>Platyphylla</i> St. Hil.)...." (VON MARTIUS)
BARBATIMÃO (FIG. 2c e 2d)	<i>Stryphnodendron barbatiman</i> Mart., <i>S. adstringens</i> (Mart.) Coville/ FABACEAE	Cascas	"Várias árvores floresciam como o barbatimão (para a curtição), muitas Malvaceae, Euphorbiaceae e outras. Em função da seca prolongada (não chovia, embora fosse a estação das chuvas) e dos vestígios ainda frescos de uma queimada recente, a coleta botânica não foi muito farta." (LANGSDORFF)
CARAPIÁ (FIG. 2e e 2f)	<i>Dorstenia multiformis</i> Miq.; <i>D. brasiliensis</i> Lam./ Moraceae	Raízes	"Os nomes vulgares das espécies empregadas como remédios podem, aliás, servir em grande parte para desvendar a história da descoberta de suas propriedades reais ou imaginárias. Assim, os nomes guaranis, caapiá (<i>Dorstenia</i>), ipecacuanha (<i>Cephaelis ipecacuanha</i>), sambaíba (<i>Curatella sambaíba</i>), etc., designam suficientemente espécies cujo conhecimento é devido a indígenas." (SAINT-HILAIRE)
CAROBA (FIG. 2g e 2h)	<i>Jacaranda caroba</i> (Vell.) A. DC./ Bignoniaceae	Folhas	"Contra a congestão do fígado empregam os sertanejos, às vezes com sucesso, pílulas grandes de sena, caroba (<i>Bignonia antisiphilitica</i> Mart.), aloés, maná e mercúrio doce." (VON MARTIUS)
CARQUEJA (FIG. 3a e 3b)	<i>Baccharis genistelloides</i> (Less.) Baker, <i>B. trimera</i> (Less.) DC/ ASTERACEAE	Caules floridos	"A <i>Baccharis trimera</i> , de De Candolle, (<i>B. genistelloides</i> , de muitos autores), é uma planta muito comum ao lado dos caminhos através de toda a região florestal, e igualmente assim nas colinas descampadas no distrito das minas de ouro, especialmente em volta de Gongo Soco. ...E' excessivamente amarga, e muito usada em medicina (especialmente como remédio para cavalos) pelos brasileiros, que a chamam de Carqueja." (BUNBURRY)
CASSAÚ/ JARRINHA (FIG. 3c e 3d)	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc./ ARISTOLOCHACEAE	Raízes	"A raiz de mil-homens (<i>Aristolochia</i>) dá um chá agradável, freqüentemente usado contra a febre, picada de cobra e muitos outros casos." (LANGSDORFF)
COPAÍBA (FIG. 3e e 3f)	<i>Copaiba officinalis</i> (L.) Kuntze, <i>C. langsdorfii</i> (Desf.) Kuntze./ FABACEAE	Bálsamo	"São abundantes as plantas oleaginosas e fornecedoras de cascas usadas para curtir couros, palhas e fibras, medicamentos e gomas, como jataí-copal, bálsamo do peru, copaíba e assa fétida, e o mesmo pode-se dizer da cera de abelha e da cera de carnaúba, que é transformada em velas no Rio de Janeiro." (BURTON)
FEDEGOSO (FIG. 4a e 4b)	<i>Cassia occidentalis</i> L./ FABACEAE	Semente, Raízes	"Fedegoso, também chamado quitoco, é um purgante sudorífico de ação branda; a raiz é cozida na água e é muito eficaz contra prisão de ventre. As sementes torradas fornecem uma bebida agradável que se assemelha ao café." (LANGSDORFF)
IMBAÚBA (FIG. 4c e 4d)	<i>Cecropia hololeuca</i> Miq., <i>C. pachystachya</i> Trécul/ CECROPIACEAE	Brotos	"O sumo recentemente extrahido dos botões foliáceos da Ambauva (Imbaúba – <i>Cecropia</i>), rica de mucilagens e saes, é empregada como loção refrigerante nas opthalmias e inflamações erisipelatosas." (VON MARTIUS)
JAPECANGA (FIG. 4e e 4f)	<i>Smilax japicanga</i> Griseb/ SMILACACEAE	Raízes	"Os cumes da cadeia e todos os morros isolados apenas apresentam vegetação magra; mas suas encostas são cobertas de boa terra vegetal, em que se desenvolvem madeira de lei e várias plantas interessantes, tais como a Copaíba (<i>Copaifera</i>), as jabuticabeiras de frutos negros e amarelos (Mirtáceas), o mate (<i>Ilex paraguariensis</i> , Aug. De S. Hil), a japecanga (<i>Smilax</i>), a butua (<i>Abutua</i>), o ipemirim, a cinco folhas (Bignoneáceas), etc." (SAINT-HILAIRE)

FONTE: Museu Nacional de História Natural de Paris.

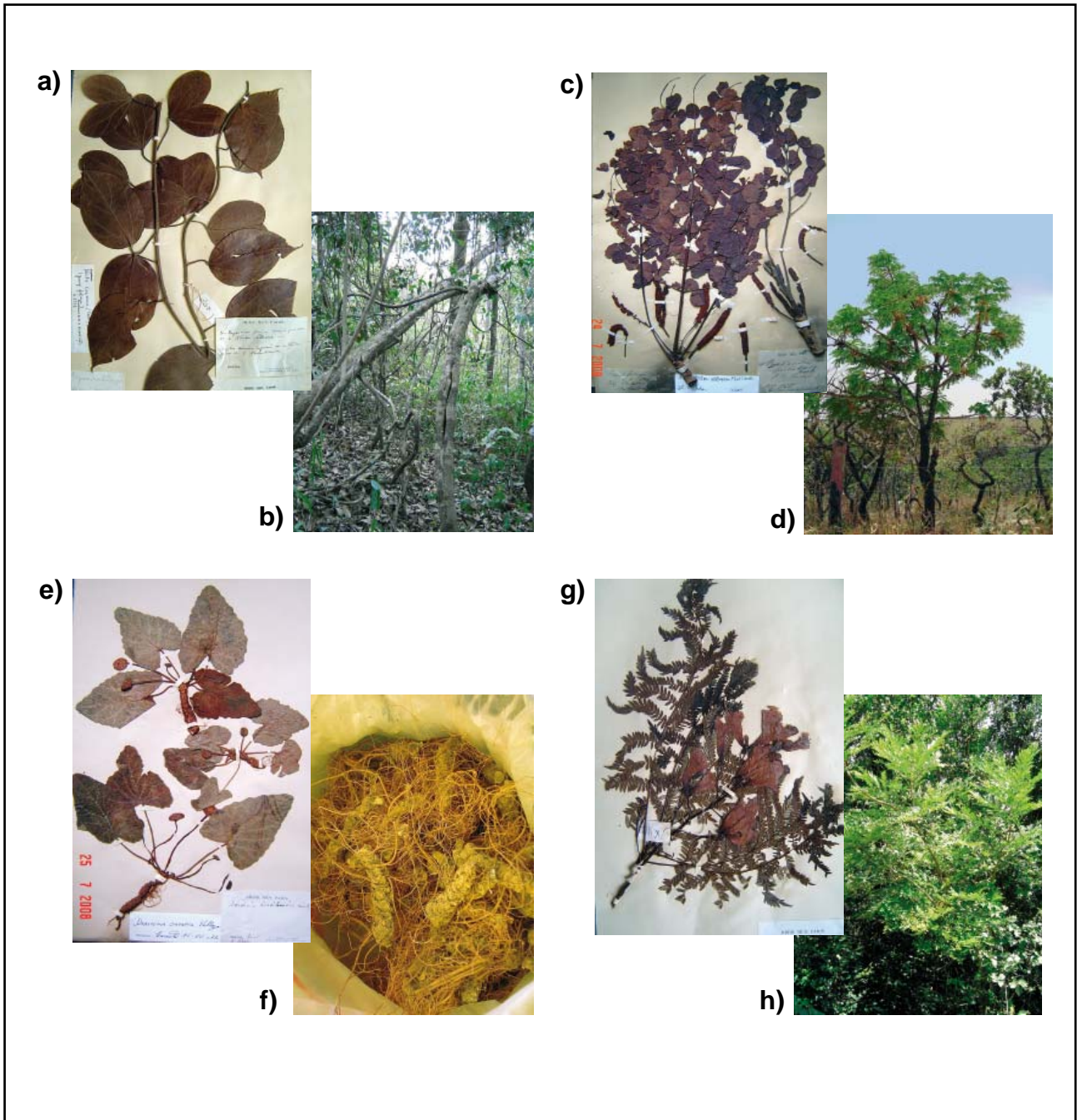


FIGURA 2:

- a), c), e), e g) Amostras coletadas no século XIX e depositadas no Museu Nacional de História Natural de Paris;
 b) Serro ($18^{\circ} 35' 53'' / 43^{\circ} 24' 30''$)
 d) Ritópolis ($21^{\circ} 00' 46'' / 44^{\circ} 18' 53''$)
 f) Três Corações ($21^{\circ} 42' 08'' / 45^{\circ} 15' 13''$)
 h) Reserva do Caraça ($19^{\circ} 59' 24'' / 43^{\circ} 27' 20''$)

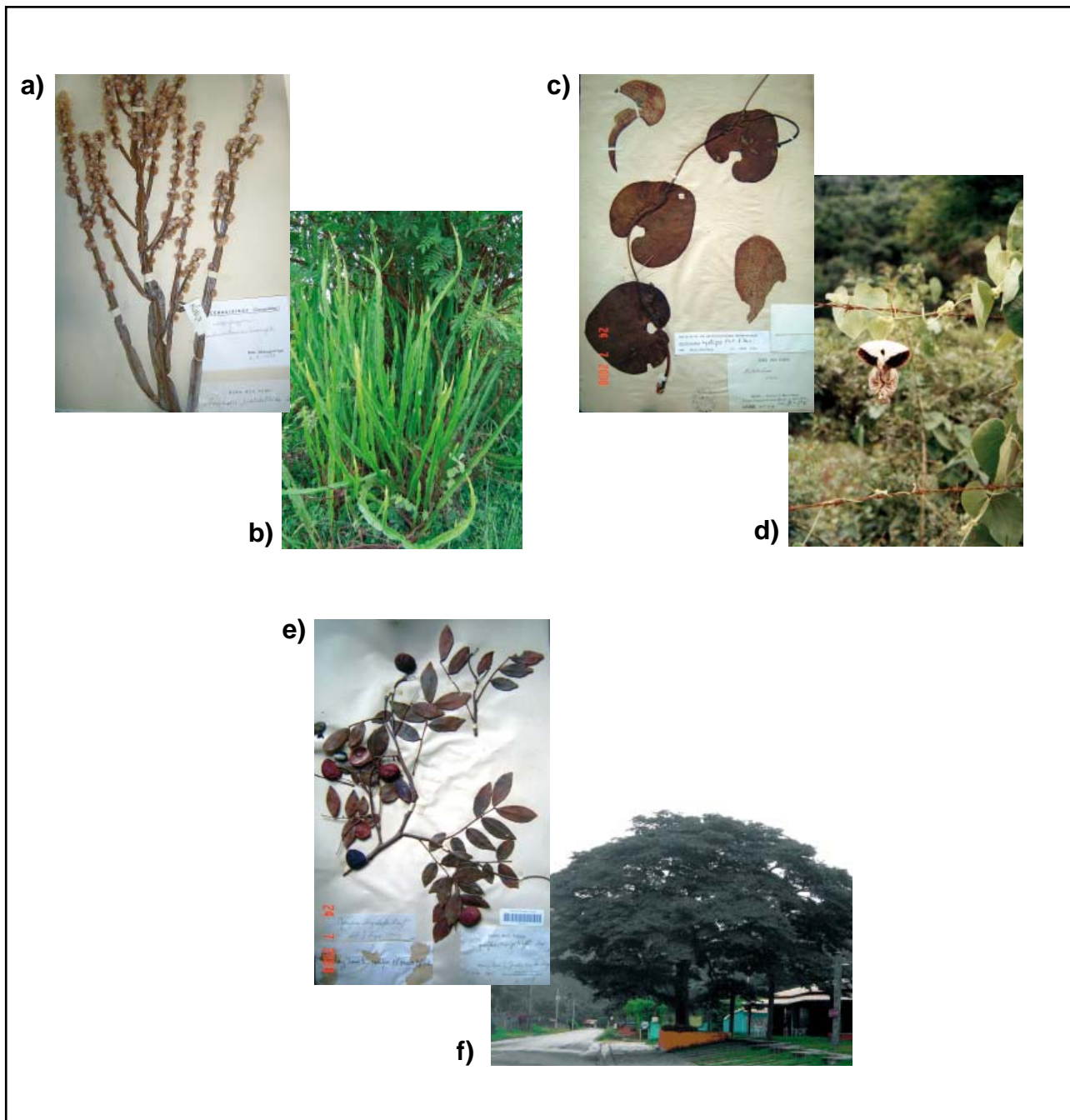


FIGURA 3:

- a), c), e) Amostras coletadas no século XIX e depositadas no Museu Nacional de História Natural de Paris;
 b) Itabirito (20° 16' 45"/ 43° 49' 08")
 d) Barão de Cocais (19° 51' 46"/ 43°27'17")
 f) Serra do Cipó (19° 20' 09"/ 43° 37' 35")

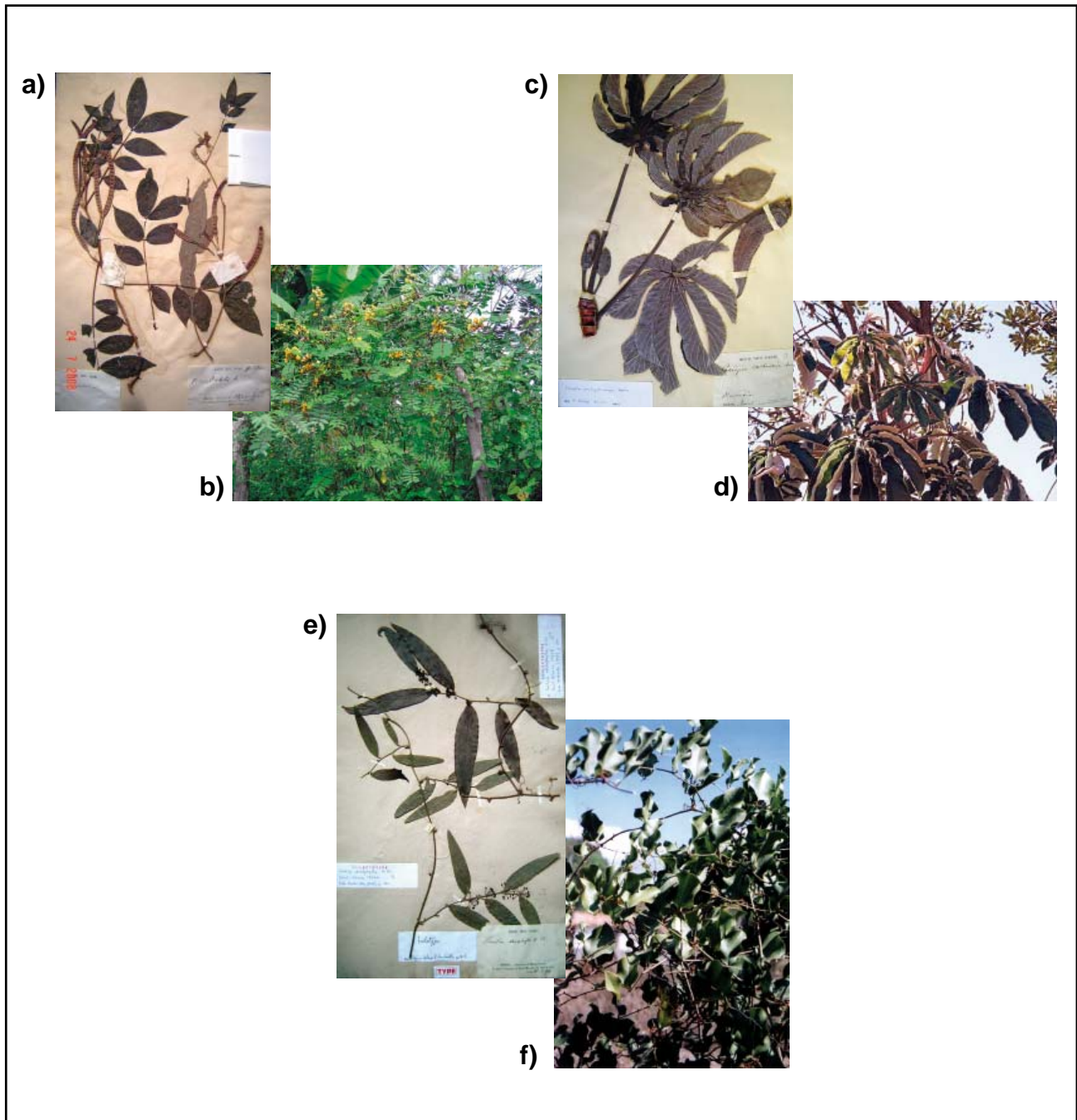


FIGURA 4:

- a), c), e) Amostras coletadas no século XIX e depositadas no Museu Nacional de História Natural de Paris;
b) Caeté ($19^{\circ} 57' 38'' / 43^{\circ} 47' 43''$)
d) Rio Espera ($20^{\circ} 51' 24'' / 43^{\circ} 26''$)
f) Datas ($18^{\circ} 27' 05'' / 43^{\circ} 39' 22''$)

Referências bibliográficas

AN UPDATE OF THE ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP – APG II: classification for the orders and families of flowering plants. *Botanical Journal of the Linnean Society*, n. 141, p.399-436, 2003.

AOKI, S., CUNHA, R., FONSECA, V.R., TEIXEIRA, H.M., AGUIAR, L.R. Evaluation of hydroalcoholic extract of Aroeira (*Schinus terebinthifolia* Raddi) in the healing process of wound skin in rats. *Acta Cirurgica Brasileira*, v. 21, p. 17–22, 2006.

AUDI, E.A., TOLEDO, D.P., PERES, P.G., KIMURA, E. PEREIRA, W.K., MELLO, J.C., NAKAMURA, C., PRADO, W.A., CUMAN, R.K., BERSANI-AMADO, C.A. Gastric antiulcerogenic effects of *Stryphnodendron adstringens* in rats. *Phytotherapy Research*, v. 13, p. 264–266, 1999.

BRANDÃO, M.G.L., DINIZ, B.G, MONTE-MÓR, R.L.M. Plantas medicinais: um saber ameaçado. *Ciência Hoje*, São Paulo, n. 35, p. 64-66, 2004.

BRANDÃO, M.G.L., COSENZA, G.P., MOREIRA, R.A., MONTE-MÓR, R.L.M. Medicinal plants and other botanical products from Brazilian Official Pharmacopoeia. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, João Pessoa, v. 16, n. 3, p. 408-420, 2006.

BRANDÃO, M.G.L.a, ZANETTI, N.N.S., OLIVEIRA, G.R.R., GOULART, L.O., MONTE-MÓR, R.L. Other medicinal plants and botanical products from the first edition of the Brazilian Official Pharmacopoeia. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, João Pessoa, v.18 n. 1, p. 127-136, 2008.

BRANDÃO, M.G.L.b, ZANETTI, N.N.S., OLIVEIRA, P., GRAEL, C.F.F., SANTOS, A.C.P., MONTE-MÓR, R.L.M. Brazilian medicinal plants described by 19th century european naturalists and in the official pharmacopoeia. *Journal Ethnopharmacol*; 2008.

BURTON, R., [1869]. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.

BURTON, R.,[1869]. *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977.

GARDNER, G., [1846]. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

ISHIDA, K., DE MELLO, J.C., CORTEZ, D.A., FILHO, B.P., UEDA-NAKAMURA, T., NAKAMURA, C.V. Influence of tannins from *Stryphnodendron adstringens* on growth and virulence factors of *Candida albicans*. *Journal Antimicrobial Chemotherapy*, n. 58, p. 942–949, 2006.

JAFRI, M.A., SUBHANI, J.M., JAVED, K., SINGH, S. Hepatoprotective activity of leaves of *Cassia occidentalis* against paracetamol and ethyl alcohol intoxication in rats. *Journal of Ethnopharmacology*, n. 66, p. 355–361, 1999.

LUCENA, P.L., RIBAS-FILHO, J.M., MAZZA, M., CZECHKO, N.G., DIETZ, U.A., CORREA NETO, M.A., HENRIQUES, G.S., SANTOS, O.J., CESCHIN, A.P., THIELE, E.S. Evaluation of the aroeira (*Schinus terebinthifolia* Raddi) in the healing process of surgical incision in the bladder of rats. *Acta Cirurgica Brasileira*, São Paulo, n. 21, p.46–51, 2006.

MACHADO, T.B., LEAL, I.C., KUSTER, R.M., AMARAL, A.C., KOKIS, V., DE SILVA, M.G., MARTINS, D.T., LIMA, J.C., RAO, V.S. The acetone soluble fraction from bark extract of *Stryphnodendron adstringens* (Mart) Coville inhibits gastric acid secretion and experimental gastric ulceration in rats. *Phytotherapy Research*, n. 16, p. 427–431, 2002.

MARTIUS, C.F.P. *Systema materiae medicae vegetabilis brasiliensis*. Lipsiae. 1843.

MAWE, J. [1812]. *Viagens no interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1978.

OLIVEIRA, L.O., MARTINS, E.R. A quantitative assessment of genetic erosion in ipecac (*Psychotria ipecacuanha*). *Genetic Resources and Crop Evolution*, v. 49, p. 607–617, 2002.

PAIVA, L.A., CUNHA, K.M.A., SANTOS, F.A., GRAMOSA, N.V., SILVEIRA, E.R., RAO, V.S. Investigation on the wound healing activity of oleoresin from *Copaifera langsdorffii* in rats. *Phytotherapy Research*, v. 16, p. 737–739, 2002.

POHL, J.E. [1832]. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.

RENNÓ, L.R. Plantas medicinais que ocorrem no estado de Minas Gerais para um programa de proteção. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro, p. 205–212, 1969.

RENNÓ, L.R. Aspectos da flora de Minas Gerais. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro, p. 93–99, 1970.

SAINT-HILAIRE A. *Plantes usuelles des Brésiliens*. Paris: Grimbert Libraire, 1824.

SAINT-HILAIRE, A. [1830]. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975a.

SAINT-HILAIRE, A. [1830]. *Viagem às nascentes do rio São Francisco*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975b.

SAINT-HILAIRE, A. [1830]. *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975c.

SAINT-HILAIRE, A. [1830]. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

SHANLEY, P., ROSA, N.A., Conhecimento em erosão: um inventário etnobotânico na fronteira de exploração da Amazônia Oriental. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 1, p. 147–171, 2005.

SILVA, D.B. *Diários de Langsdorff*. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 1997.

SPIX, J.B., MARTIUS, C.F.P. [1823]. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

SUMMER, J. *The natural history of medicinal plants*. Oregon: Timber Press, Portland, 2000.

WORLDHEALTHORGANIZATION–WHO. Traditional medicine strategy 2002-2005. Geneva, 2002.

Agradecimentos

A equipe do DATAPLAMT agradece ao CNPq pelas bolsas (PQ, EXP, IC) e à FAPEMIG pelo apoio financeiro (EDT 1814/3 e PPM/2007).